

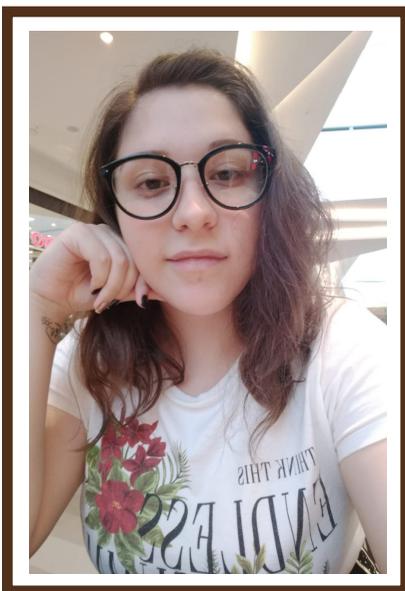
Linguagem & Tradução



...of habitus... more of naturalistic
...of communication - presented in the
...of Divine Comedy... Dante repeats
...the Divine Comedy... Dante repeats
...people in the world...
...he knew in this world...
...he generally surprised
...surprise... what are
...The swimmer will then
...why he's being punished
...Dante would see
...something like...
...of the Beatific...
...I recall...
...to...
...began...
...one way to raise the dead...
...corpus sufficit to feed the flowers when
...they bloom in some fashion...
...dead in some fashion...
...Has a sudden frost
...ched frozen a
...the su...

Quem

Somos



Ana Luiza Salles é jornalista formada pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba de 22 anos, é responsável pela criação da Revista Linguagem, desde o primeiro insight até a diagramação e revisão final. A revista foi pensada e criada como produto de seu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual foi orientada pela professora e doutora Valquíria John, que merece reconhecimento e os devidos agradecimentos pela orientação.

Editorial

Entendemos como linguagem um meio de comunicar ideias, sensações, pensamentos, seja por meio de palavras, gestos, imagens, sons, etc. Essa comunicação, independente de como aconteça - numa conversa entre duas pessoas, ao assistir ao noticiário, ao ler uma revista ou livro - deve ser simples mas ao mesmo tempo detalhada, para que o receptor tenha plena condição de entender o que está sendo comunicado e se interesse sobre o assunto.

A Revista Linguagem surge a partir da noção de que certas discussões devem sair do ambiente acadêmico ou profissional, podendo ser levadas para o público em geral de uma maneira simplificada e atraente de se ler. Ao mesmo tempo, cumpre com o papel de checar os fatos por meio de fontes especializadas e pesquisas aprofundadas, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões e

crie seus próprios questionamentos. A ética e os princípios jornalísticos - compromisso com a verdade, objetividade, respeito aos direitos humanos, imparcialidade - marcam sua presença em cada texto e imagem que produzimos.

Cada edição da revista trará uma temática diferente, tendo como base a linguagem como forma de comunicação de ideias, mas também como uma ferramenta de poder, como forma de opressão, como algo que transcende a língua que falamos, como um instrumento importante para entendermos o mundo. A periodicidade de publicação, trimestral, leva em consideração o tamanho reduzido da equipe, mas também a importância da checagem dos fatos e do aprofundamento do assunto para o leitor interessado.

Veja a versão online no site:
<https://sallesana99.wixsite.com/revista-linguagem>

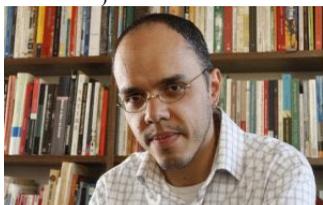
Sumário

Perfil Irmãos Galindo	3 - 4	
	5 - 6	Opinião
Língua Brasileira de Sinais	7	
	8	Chavoso da USP e Ncep
Musicografia Braille	9 - 11	
	12	Valente é a sua voz
Duolingo	13-14	
	15-16	Reinaldo José Lopes
BTS - Trivia 承: Love	17-18	
	19	CAPA UFPR
Libras na Música	20	

Em Família



Rogério Galindo também atua como jornalista no jornal Plural.



Caetano Galindo, além de tradutor é escritor e professor.

A família Galindo e o amor pela tradução

Caetano Galindo

“A minha história tem muitos começos. O primeiro deles: eu era aluno de francês da UFPR, sou formado em português e francês, e numa turma de literatura francesa, eu e uma amiga começamos a tomar conta e propor tarefas, nisso a professora sugeriu de traduzirmos um soneto. Eu me diverti horrores fazendo aquilo, a ideia de entender o texto, dizer a mesma coisa que o

texto dizia com o mesmo número de sílabas, com rimas, e aquilo ficou na minha cabeça, a ideia de que era divertido traduzir literatura.

No ano seguinte, uma colega ia fazer aniversário, a gente sempre lia muita coisa juntos, mas ela não lia em inglês, ela era do francês também. Eu tinha lido uma peça de teatro que eu achava que ela ia curtir, uma peça chamada *Travesties*, e eu decidi traduzir a peça pra dar de presente pra ela. Curiosamente essa peça acabou sendo publicada anos depois no livro *Rock n’ Roll e Outras Peças*, pela Companhia das Letras. Até aí eram só brincadeiras, mas foi uma ideia que foi ficando na minha cabeça.

A história é longa mas depois eu acabei tendo que trocar o tema da minha tese de doutorado, e eu queria encontrar uma coisa da qual eu nunca fosse me cansar, e pensei poxa eu sempre quis ler *Ulysses* a fundo, então inventei um projeto de análise de texto do *Ulysses*, que na minha cabeça comportava fazer a tradução do livro como parte da tese. Aí que eu comecei a me meter de verdade com tradução. Entre 2002 e 2004 eu fui traduzindo o livro, e fui mostrando pedaços do texto para amigos. A notícia foi se espalhando e foram aparecendo convites, editoras começaram a me apresentar projetos.

Eu fui percebendo que era algo que eu gostava de fazer e que eu fazia mais rápido do que a maioria das pessoas. Fiz alguns tra-

balhos para a editora da UFPR, para a UnB, traduzi poesia, trabalhei muito com a língua romena, e sem perceber fui criando um portfólio enquanto fazia meu doutorado, que defendi em 2006, e em 2008 eu recebi um convite ora começar a traduzir pra Companhia das Letras e estou trabalhando com eles até hoje. Já fiz mais de 30 livros com eles, também fiz uns 5 livros com a *Todavia*, e mais recentemente venho trabalhando com projetos *One Of*, um projeto pra uma editora, outro para outra. Nos últimos anos eu tenho diversificado um pouco. Até hoje só tem um livro que me arrependo de traduzir, o resto eu me diverti demais, em campos muito variados.

Eu já traduzi livros dos séculos 18 a 21, de prosa e poesia, de teatro, conto, romance, diários, livros acadêmicos, do italiano, do dinamarquês, agora estou traduzindo um livro da Tanzânia. Isso é parte do que me encanta no meio da tradução, lidar com vozes diferentes, e eu tive muita sorte pelo tipo de coisa que caiu na minha mão e que eu consegui fazer numa carreira que não é tão grande assim. Eu tenho até hoje pouco mais de 50 livros traduzidos, que ainda é uma trajetória pequena se comparado com outros tradutores, sendo o destaque principal o *Ulysses*.”

Rogério Galindo

“Eu comecei com a tradução em 2011, estou fazendo 10 anos agora, a gente sempre brinca-

va com tradução, tipo hobbie de adolescente nerd. Eu e o André, que era meu colega de faculdade, tínhamos um jornal fake e eu traduzia tirinhas para ele, mas isso tudo na pré história. De profissional, a primeira tradução remunerada que eu fiz foi em 2011, eu já estava trabalhando como jornalista há mais de 10 anos mas o Caetano estava na tradução faz um tempo, e eu vi que ele estava fazendo um trabalho bacana e que aquilo era divertido, então eu falei um dia “olha, se um dia aparecer uma oportunidade eu quero testar e colocar a mão nisso aí”.

Um dia, em 2011, saiu uma reportagem na Folha de São Paulo bem na época em que o Caetano estava terminando de traduzir *Ulysses*, falando sobre três clássicos que iriam ganhar nova tradução no Brasil, entre eles a tradução do Caetano, nisso a Saraiva escreveu para o Caetano dizendo que precisavam de um tradutor para um livro de economia e ele me recomendou. Acabou que eles cancelaram essa tradução mas trocaram por outro livro, de Lionel Robbins, de economia também, é bom que ele era curto, então eu traduzi como um teste. A Saraiva começou a me chamar mais vezes e foi rolando.

Em 2013 a Companhia das Letras me chamou para traduzir a biografia do Michael Jackson, e como era um livro grande, eles fatiam e fazem em três ou quatro tradutores. Eu assumi 100 laudas do livro, foi uma ótima porta de entrada, trabalhar para uma editora que era referência. Eu engatei vários com

a Companhia, e como prêmio por estar fazendo tudo direitinho eles começaram a me dar coisas mais legais, um que eu gostei muito foi o *Campos de Sangue*. Um dos momentos mais importantes da minha ainda curta trajetória como tradutor foi em final de 2016 por dois motivos: primeiro porque um amigo me indicou quando o Bob Dylan ganhou o Nobel para traduzir um livro dele, chama *Tarântula*.

“Além de mim e do Caetano, tem a Sandra, mulher do meu irmão, a Roseane, que é a minha esposa, e tem a Bia, filha do meu irmão.”

A Raquel, editora responsável pela tradução, gostou de mim e começou a me carregar pra onde ela ia, foi para a *Intrínseca*, me levou junto, está agora na *HarperCollins*, me levou junto também, então eu devo muita coisa na minha carreira à Raquel.

Segundo, abriram a *Todavia*, que é uma editora maravilhosa, e chamaram eu e o Caetano pra fazer dois livros, *Palácio da Memória*, que ficou para ele, e o meu, que foi a grande brecha da minha carreira, que foi *O Vendido*, um ro-

mance americano que ganhou o Booker. Foi um prazer traduzir, e como o livro era muito bom, chamou a atenção, e o texto batia com o tipo de coisa que eu gosto, então pegou bem pra mim. Daí começaram a me chamar pra coisas cada vez melhores. Curiosamente, me passaram muitos livros de autores negros. Assim como o Caetano tem a fama de traduzir livros extremamente difíceis e eruditos, eu peguei a fama de traduzir livros de minorias, até de feminismo, um romance feminista maravilhoso, chamado *O Poder*. Hoje estou com mais ou menos umas 50 traduções, sempre com filas de traduções a fazer.”

A família

“Além de mim e do Caetano, tem a Sandra, mulher do meu irmão, que traduz do francês, muitas traduções legais como o *Canção de Ninar*, que é um livro que chama muito a atenção, muito elogiado, mas ela faz menos porque faz mais coisas da vida. A Sandra é muito cuidadosa, meticulosa, o negócio é sério. A Roseane, que é a minha esposa, nunca tinha feito tradução, mas um dia, começou a aparecer no meu prato muito mais do que eu podia comer e eu sugeri dela fazer, ela fala inglês muito melhor do que eu. O primeiro que ela fez foi o *Como Mudar a Sua Mente*, pela *Intrínseca*, e começou a aparecer mais coisa pra ela, até hoje ela fez uns 10 junto comigo, ela traduz e eu meio que reviso. E tem a Bia, filha do meu irmão, ela trabalha com uma coisa bem diferente mas já fez uns 4 ou 5 livros também.”

Opinião

Por Rodrigo García Lopes

A tradução tem sido fundamental para meu processo criativo e minha prática poética. Comecei a traduzir (do inglês e francês) por volta dos 16 anos, depois de ler ABC da Literatura, de Ezra Pound, onde o poeta americano defendia a tradução como uma espécie de laboratório poético, um instrumento importante para o poeta iniciante. As primeiras traduções que publiquei foram dos poetas que faziam parte de minhas afinidades eletivas, como E.E. Cummings, Ezra Pound, Wallace Stevens, Allen Ginsberg, Arthur Rimbaud, William Carlos Williams, quase sempre em parceria com o poeta e dramaturgo Maurício Arruda Mendonça. O conselho de Pound nunca me abandonou, por isso considero a escrita poética e a prática tradutória como atividades simultâneas. Não posso deixar de mencionar os trabalhos de Haroldo e Augusto de Campos, que foram uma grande inspiração e estímulo para muitos poetas de minha geração.

Desde os anos 80, portanto, traduzir tornou-se uma obsessão, uma paixão e uma fonte de prazer. De lá para cá traduzi dezenas de poetas, e tenho publicado essas traduções em jornais e revistas brasileiros. Com Maurício Arruda Mendonça traduzi Sylvia Plath: Poemas, em 1990. Com Cristina Macedo, Ariel, também de Plath, em 2007. Outras traduções em livro, sempre bilíngues e acompanhadas de ensaios críticos e notas, trabalhos de que me orgulho muito: O Navegante (The Seafarer, anônimo, do anglo-saxão), Mindscapes (coletânea da poeta e filósofa norte-americana Laura Riding, 2004) e, no mesmo ano, Folhas de Relva – A Primeira Edição), de Walt Whitman.

Pound dizia que ao traduzir você consegue reencarnar o poeta, sua linguagem específica, além do tempo desse poeta, repoeitar o original em sua língua. O tradutor é um traficante, ele trafica significados de uma língua para outra, só que nesse processo ele

pode se sair bem como um Ronald Biggs ou pode se sair mal e ser preso! A poesia é um trem pagador. A transcrição, a qual os irmãos Campos aderiram, vem de Pound e de Walter Benjamin e seu conceito da tradução messiânica. Fazer muitas vezes a tradução parecer mais original que o próprio original, mas, sobretudo, recapturar o momento da criação. Acredito que o tradutor é transportador e, retomando Pound, o melhor tradutor de poesia é um bom poeta. Traduzir, para mim, também é uma oficina poética, onde eu exercito outras linguagens, outras vidas, outras subjetividades. Só para você ter uma idéia, o Whitman me absorveu tanto que até agora estou esgotado. Há todo um trabalho de pesquisa da vida, da obra e do momento histórico de quem está sendo traduzido.

Se por um lado a tradução é um vício e um prazer, e por mais consciência que se tenha de que o tradutor é também autor (do texto que traduz), por outro lado comecei a pensar que ela também nos rouba um tempo que poderia ser dedicado à nossa própria escrita. Nos últimos anos reduzi o ritmo de traduções por conta do disco Canções do Estúdio Realidade, do livro de poemas Estúdio Realidade (ambos lançados no ano passado) e, sobretudo, por conta do romance que estava escrevendo, o policial O Trovador, que está para sair pela Record. Acredito na tradução como um exercício de alteridade, uma prática que nos permite dialogar com outras eras e culturas. É natural que esta atividade acabe contaminando minha poesia, e minha poesia acabe, por sua vez, influenciando os textos que traduzo. Nós estamos “traduzindo” o tempo todo, muitas vezes sem que a gente se dê conta disso. O tradutor ocupa um espaço entre dois mundos, tempos, culturas e tradições literárias. Em poesia, o tradutor deve ser o poeta do poeta. Há muito de detetive na atividade de tradutor e vice-versa. Eu pude aprofundar essa relação em O Trovador. Menciono o romance porque a trama envolve a tradução de uma canção trovadoresca e tem um tradutor-intérprete como personagem, o escocês Adam Blake.

A tradução é uma atividade crítica e criativa. Ao traduzir, você é capaz de repoeitar o original em sua própria língua. É uma arte que nos permite re-

capturar, em momentos privilegiados, o momento da criação. O bom tradutor, acho, é aquele que recupera as formas-conteúdos do texto original. Uma ambição de um bom tradutor de poesia, imagino, é conseguir fazer a tradução de um trabalho parecer mais original que o próprio original, como se tivesse sido escrito primeiramente em sua língua (em nosso caso, o português brasileiro).

Um dos primeiros poetas que li foi Arthur Rimbaud (1854-1891), e o impacto de ler Une Saison en Enfer mas, sobretudo, Illuminations, nunca se dissipou. Li Rimbaud aos 14 anos em tradução do Ledo Ivo, que me incomodava (e apesar de hoje eu considerá-la, ao lado da de Ivo Barroso, boa, dada às dificuldades da escrita rimbaudiana). Por isso, na época pintou a ideia de um dia traduzir as iluminações do Rimbaud, o que finalmente aconteceu, em parceria com Maurício Arruda Mendonça, com a publicação de Iluminuras (Gravuras Coloridas) pela editora Iluminuras, de São Paulo (1994). É um texto que considero difícil, sobretudo por sua polissemia e seu caráter “cifrado”. A começar pelo título: illuminations.

Rimbaud escolheu como título uma palavra inglesa que significa, simultaneamente, iluminações (no sentido de inspiração ou percepção súbitas) e iluminuras, manuscritos “iluminados”, decorados e ilustrados com formas, desenhos, miniaturas e figuras (acepção reforçada pelo subtítulo). Pode se referir, ainda, às luzes decorativas ou pirotécnicas e iluminação urbana e teatral. Título mais que adequado para uma poesia que une palavra e imagem, visionária e que até hoje testa a imaginação dos leitores. Este livro oferece uma série de ciladas para o tradutor, não só pela dificuldade das imagens que ele cria, mas por sua sintaxe. Nesta obra que pode ser chamada de As Metamorfoses da era industrial, Rimbaud dissolve os limites entre poesia e prosa, lírica e narrativa, identidade e alteridade, real e imaginário, tempo e espaço, alta e baixa cultura, palavra e mundo, fazendo da linguagem um laboratório para a criação de novas realidades e percepções. Nas composições caleidoscópicas de Illuminations, momento culminante de sua escrita, Rimbaud quer levar ao limite a exploração do impacto da mente poética sobre a re-

alidade exterior, fazendo com que o poema, muitas vezes, apareça na forma de um enigma.

Ivo é o que se pode chamar de tradução integral, ou seja, aquela que se empenha em manter na outra língua todos os aspectos semânticos do poema: o significado, a métrica, o esquema de rimas, os efeitos sonoros, o estilo e o efeito ou a qualidade poética. A tradução de poesia exige um conhecimento fundamental da arte poética (métrica, rima, escolas, estilos, etc.), já que não se trata de reproduzir apenas o que está dito, mas igualmente a maneira, a forma pela qual foi dito. Embora haja casos esporádicos de tradutores de poesia não-poetas, eu diria que é necessário ser poeta, sim, e em tempo integral, ou seja, exercer ou ter exercido a função ao escrever seus próprios versos. Se o tradutor não sabe, por exemplo, o que é uma aliteração (ou qualquer outro recurso poético) não irá tentar reproduzi-la no texto traduzido, falseando ou pelo menos empobrecendo o resultado final de seu trabalho.



Rodrigo García Lopes é poeta, tradutor, compositor, editor, professor e jornalista.

Interpretação em Libras não é tão fácil quanto parece

O processo é mais complexo do que uma simples tradução

Para início de conversa, é necessário compreender o que é Libras. A Língua Brasileira de Sinais não se trata da gesticulação da língua portuguesa, ela é uma língua completamente independente, utilizada para a comunicação com pessoas surdas, tanto pelos próprios surdos quanto por ouvintes.

Além disso, Libras vai muito além da sinalização com as mãos, ela envolve muitas outras competências: “a Libras necessita do uso de todos os parâmetros para sua transmissão com qualidade, que são a configuração de mãos, movimentos, direcionalidade/orientação, pontos de articulação, e o que considero mais importante de todos, a expressão facial e corporal. Sem a organização desses parâmetros é impossível haver uma interpretação com eficiência”, explica Ronaldo Quirino da Silva, pedagogo pós graduado em educação bilíngue Libras/Português.

Ronaldo começou a aprender Libras na década de 80, quando essa língua estava começando a ser estudada no Brasil. “Como a maioria dos profissionais da minha época, iniciei no contexto religioso, num período em que ainda não havia reconhecimento da língua, muito menos propostas de inclusão, nem escolas especiais para surdos. Todas as deficiências se concentravam em APAES, onde classificavam todos com o mesmo grau de especificidades”, conta. Atualmente ele atua como intérprete no programa Aula Paraná, que oferece aulas pelo youtube e pela televisão aberta para alunos do ensino fundamental e médio da rede estadual.

Os desafios da profissão

Segundo ele, um dos maiores desafios da profissão é realmente o processo de tradução e linguístico, “e o uso de conceitos abstratos, onde deve haver uma transposição para uma linguagem visual concreta. Além disso, disciplinas teóricas sem o uso de recursos visuais, por exemplo, também são desafiadoras, tan-

Língua Brasileira de Sinais

to para o intérprete, como para a compreensão do estudante surdo”.

Se interpretar um produto pronto já parece difícil, imagine como é o processo de interpretação de conteúdo ao vivo, como reuniões, palestras, aulas, lives-treams, etc. “A interpretação ao vivo é desafiadora, por causa dos improvisos do palestrante, como piadas incorporadas no meio de um tema e/ou uma fala que não estava no enunciado”, adiciona Ronaldo. O intérprete necessita de muito conhecimento, não só da língua

Esse profissional, intérprete de Libras, necessita de muito conhecimento, não só da língua, mas possuir experiências extras linguística, além de proficiência e competências tradutórias para o domínio do conteúdo. A tradução de músicas é ainda mais complexa, pelo fato de, muitas vezes, possuir metáforas ou duplo sentido, que se torna difícil de transpor para uma língua concreta como Libras.

Na televisão, costumamos ver intérpretes principalmente na TV aberta, mas Ronaldo acredita que essa interpretação ainda pode melhorar e se expandir: “a inclusão na mídia televisiva está acontecendo, mas percebo a falta de qualidade desses profissionais em suas interpretações, muitas vezes pobre de conteúdo, principalmente pela falta de vocabulário. Sinto falta, ainda, de intérpretes em telejornais, que são de grande importância, para que os surdos recebam a notícia e a informação no mesmo imediatismo com que elas chegam para os ouvintes”.

Educação

Como levar conteúdo acadêmico para a periferia de forma simples?

Conheça iniciativas que buscam incentivar essa troca de conhecimento

Você se lembra, nos tempos de escola, de aprender aquele conteúdo extremamente acadêmico e difícil de compreender? Teorias de filósofos, nomes, datas, pontos de vista... Agora imagine como é a situação de quem não está acostumado com uma linguagem formal e complicada que se vê nos textos de sociologia e filosofia, por exemplo. Foi pensando nessas pessoas que Thiago Torres criou o personagem Chavoso da USP.

Espalhando vídeos pelo Youtube e Instagram, o jovem estudante de Ciências Sociais traduz aquele conteúdo pesado que você vê nos livros para uma linguagem periférica, ou linguagem “da quebrada” como é chamada por ele. Em seus vídeos, ele se veste como nos bailes funk de São Paulo: boné, óculos da Oakley e camisa de futebol, para trazer um pouco da sua realidade para aqueles que assistem, que acabam se vendo representados.

“É importante a gente ter o máximo de pessoas fazendo o trabalho de democratização do conhecimento. Particularmente, quero chegar em quem não tem acesso a esses assuntos. Por isso, a aparência e linguagem dá uma vantagem nisso. Recebo mensagens de várias pessoas do Brasil que estão motivadas a estudar por causa dos meus vídeos”, conta Thiago em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos.

“Vivo numa situação de vulnerabilidade socioeconômica, mas minha realidade não é igual a de todos, porque tive alguém dentro de casa me incentivando e a maioria não tem isso”, explica, durante a mesma entrevista.

Thiago conta que foi inspirado pelas aulas de so-

ciologia na escola a querer ser professor: “A minha personalidade traz uma vontade de mudar o mundo e o trabalho de docente, que é de formiguinha, faz parte disso. São muitas vidas que você toca ao longo da carreira.”

A UFPR possui um projeto de extensão que aborda uma temática parecida, a de que é possível levar o conhecimento da faculdade para a periferia, mas também aprender com essa outra realidade. O Núcleo de Comunicação e Educação Popular, Ncep, atua utilizando princípios como a educomunicação, e seu objetivo é estimular a discussão sobre comunicação popular a fim de promover a democratização dos meios de comunicação.

Assim como Thiago, Alisson de Souza Alves Luiz (20), integrante do Ncep, acredita que levar conhecimento para a comunidade deve também ser uma forma de aprender: “é um processo de escutar e tentar aprender junto com as pessoas com quem você trabalha e não chegar com ideias prontas e passar por cima de todas as crenças e construções que elas têm”.

Um exemplo do trabalho incrível que o Ncep promove é o livro “De pés no chão - o São Dimas que vivemos”, uma coletânea de crônicas produzidas por alunos do colégio João Gueno, em Colombo, região metropolitana de Curitiba. Por um lado, os jovens aprenderam a produzir crônicas e olhar de outra forma para o próprio bairro, e, por outro, os integrantes do Ncep puderam conhecer uma realidade diferente da sua. “É uma oportunidade de observar o que eles acham relevante no bairro, no ambiente em que eles estão vivendo, ouvir esses alunos e usar os meios de comunicação como um meio pra poder contar histórias é algo que me deixa tocado.



O lançamento do livro saiu em diversos jornais locais



A Fundação Dorina Nowill possui um vasto acervo de livros em braille, inclusive de música.

Acessibilidade

Musicografia Braille garante autonomia para músicos cegos

A notação musical em alto relevo é utilizada no mundo todo por diversos profissionais, e reforça a identidade de pessoas cegas

Antes de entrarmos no assunto principal da matéria, é preciso olhar para o passado e entender a história do sistema Braille de escrita e da Musicografia Braille.

De ordens militares à um alfabeto completo

Louis Braille, nascido na França em 4 de janeiro de 1809, ficou cego aos 5 anos de idade, após uma grave infecção nos olhos. O acontecimento fez com que, anos mais tarde, tivesse dificuldade em seu aprendizado, já que não havia um sistema de escrita e compreensão de texto para cegos na época. Foi inspirado em um comandante do exército francês que ele criou o que hoje conhecemos como Braille. Charles Barbier de la Serre fazia parte do exército de Luís XIII, e havia criado um sistema de sinais em alto relevo para que os soldados pudessem ler as ordens do comandante no escuro da noite. Mais

tarde, transformou o sistema de leitura noturna em uma forma de escrita para cegos, mas havia tantas limitações que Louis Braille decidiu fazer alterações próprias, permitindo, por exemplo, que as palavras fossem soletradas e acentuadas. Em 1824, com apenas 15 anos de idade, Braille finaliza a criação de seu novo método de escrita, nomeado a partir de seu sobrenome. O sistema inclui 63 combinações de pontos em alto relevo que representam as letras do alfabeto, além de pontuação, acentuação e sinais matemáticos, não contemplados no modelo de Charles Barbier. Ainda que os símbolos criados por Braille correspondam às letras do alfabeto, ocorre nessa comparação a chamada tradução intersemiótica, que é basicamente traduzir algo da língua escrita ou falada para outro signo. Neste caso, se transforma o alfabeto latino em combinações de pontos em alto relevo, lidos através do toque, e não necessariamente da visão.

Um vai e vem de acordos e desacordos

A primeira musicografia - arte de colocar em notação musical ou compor uma música - baseada no sistema foi criada pelo próprio Louis Braille em 1829, com a publicação da obra "Procédé pour écrire les paroles, la musique et la plainchant au moyen de points" (Método para escrever as palavras, a música e o canto por meio dos pontos). A ideia seria a mesma do alfabeto: criar caracteres musicais com base no sistema de escrita de seis pontos em alto relevo. Porém, a primeira notação básica do código musical foi finalizada em 1834 por ele, e seria aceita pelos especialistas mais de dez anos depois. O Código Musicográfico Braille foi amplamente aceito na França, sendo escolhido como o principal guia perante outros sistemas similares.

Em 1871, foi publicada a obra "A key to the braille alphabet and musical notation" (Uma chave para o alfabeto e a notação musical braille), em Londres. 8 anos mais tarde, uma obra parecida foi publicada na Alemanha e, em 1885, outra, desta vez em Paris. Como todas tinham diferenças, criou-se uma comissão com participantes da França, Inglaterra, Alemanha e Dinamarca para unificar o Código Musicográfico Braille. A partir daí, começa um vai e vem de ideias novas, discrepâncias, publicações, opiniões, comissões, congressos, uma grande discussão em torno do mesmo código até chegar na versão que conhecemos hoje, considerada tecnicamente completa e amplamente conhecida. O chamado Novo Manual Internacional de Musicografia Braille foi publicado em 1996 em inglês, posteriormente sendo traduzido para as demais línguas. O Ministério da Educação (MEC), tem disponível a versão em português para acesso online.

Em meio às diversas discussões em torno da notação musical em Braille, foi discutido em um dos congressos se a transcrição literal das partituras visuais era necessária - e possível. Segundo Dolores Tomé em seu artigo "Musicografia Braille - Instrumento de Inserção e Formação Profissional", publicado originalmente na Revista Benjamin Constant - ed. 36 de abril de 2007 -, essa questão dividia opiniões entre os especialistas. "A partir de 1954 surgiram duas tendências: de uma parte, os que desejavam conseguir a maior clareza possível para o leitor cego, ainda que omitindo alguns detalhes secundários da partitura visual. E outro grupo que defendia a fidelidade na transcrição literal. Entre estes últimos

figuravam muitos professores cegos que ensinavam a alunos não-cegos, que logicamente necessitavam conhecer os detalhes das partituras utilizadas por seus alunos."

Portanto, há quem considere que não ocorre uma simples transcrição da partitura, e sim uma tradução, como explica Filipe Oliveira, jornalista com baixa visão que faz o uso das notações em Braille: "algo que eu fui percebendo conforme eu aprendi sobre musicografia braille é que o resultado, que vai ser a partitura transcrita, não é igual sempre, depende muito de opções do transcritor. São coisas que facilitam ou dificultam pra quem está utilizando as partituras finalizadas, mas todas as opções estão corretas", da mesma forma que a tradução de uma língua para a outra - pode haver divergências entre as traduções de autores diferentes. Jonathan de Aquino Franco Rocha, de 31 anos, é bacharel em composição musical pela UNESP e editor de musicografia braille, e adiciona: "A musicografia braille tem uma tal autonomia enquanto linguagem musical que não depende de uma equivalência com a representação da notação musical em tinta; essa musicografia dada aos cegos possibilita até a processos de composição musical, pois a sua escrita em alto-relevo possui correspondência com a Teoria Musical enquanto modo de representação dos fenômenos musicais".

Da teoria à prática

A notação musical em alto relevo é utilizada hoje em dia tanto por professores de música quanto por alunos, compositores, músicos, editores de musicografia, pesquisadores da área, cegos ou não. Para produzir as partituras em Braille, há processos manuais de escrita e também softwares amigáveis para pessoas cegas, como o Braille Music Editor, GoodFeel e, no caso do Brasil, o MusiBraille, ou ainda, o programa de editoração Braille Fácil, uma tela em branco em que se pode escrever qualquer notação em Braille, inclusive a musical.

Jonathan afirma que qualquer música escrita na linguagem da Teoria Musical ocidental pode ser transcrita para musicografia braille, desde notações mais antigas até a música contemporânea e popular, mas que é necessário realizar uma extensa pesquisa em História da Música em alguns casos. Como exemplo, ele usa o trinado, um típico ornamento musical utilizado em diferentes épocas, diferentes países e

por diversos compositores: “Há algumas maneiras de representação visual do trinado, portanto, é necessário sempre pesquisar a notação da época do compositor para a realização de uma transcrição musicográfica Braille historicamente satisfatória”.

Apesar de ser um sistema consideravelmente eficaz e inclusivo, o sistema de notação musical Braille ainda não é amplamente difundido no Brasil: “É fácil de encontrar informações de enormes catálogos musicais em braille dos EUA no Google, por exemplo. No Brasil, a difusão e o reconhecimento da musicografia é um pouco mais recente. Há carência de tudo, professores de música especializados, escolas para atendimento ao público, livros de música e partituras em braille. O Ministério da Educação tem uma política de produção de livros didáticos em braille muito abrangente, talvez por isso o braille tem ganhado cada vez mais reconhecimento. Falta ainda a musicografia Braille pegar o mesmo barco”, afirma Jonathan.

Experiência própria

Filipe Oliveira, de 32 anos, é jornalista formado em música e possui uma condição que o fez perder boa parte da visão, o que é chamado de baixa visão. Isso não o impediu de tocar violão, aos 13 anos, e muito menos de aprender piano, aos 15. “Naquele momento eu sabia que eu tinha uma deficiência visual mas ela era mais leve. Eu conseguia ler a partitura, aproximando bastante ela dos olhos, e memorizar ela. Era uma coisa que nem passava muito na conversa com o professor, não trazia grandes desafios pra quem estivesse me ensinando.” Filipe conta que prefere não utilizar softwares para construir suas próprias partituras, mas por uma questão de praticidade. “É possível fazer com software, mas quem toca música clássica acaba pegando muito as que estão prontas. Tem softwares que transcrevem as partituras digitais pro braille, mas é preciso fazer uma revisão, pra mim não é prático com o tempo que eu tenho disponível então acabo procurando coisas que já estão prontas”.

Tocar piano enquanto pessoa de baixa visão pode não ser o desafio mais fácil, mas é algo que reforça a identidade e traz satisfação para Filipe. “Eu penso que é a coisa que mais me dá alegria e me dá prazer, eu acho que com certeza contribui [para a formação de identidade], é uma forma que eu tenho de me expressar, de ter momentos especiais com amigos.

“Ano passado, eu escutei uma entrevista da Fabiana Bonilha falando sobre a trajetória dela, contando que ela realmente usou musicografia Braille desde criança, do repertório que ela tinha construído, do trabalho que ela tem fazendo partituras também no centro de pesquisas que ela trabalha lá em Campinas, e aí eu percebi que era realmente possível, usar o braille como algo prático, funcional no dia a dia, que tinha gente encontrando partituras e tocando. Eu entrei em contato com ela, no meio dessa pandemia decidimos fazer aula online. A gente começou em julho do ano passado, mais ou menos em outubro eu consegui as minhas primeiras partituras, foi uma doação que chegou pra ela de um pianista do Rio de Janeiro que estava se desfazendo. Nesse período eu comecei a aprender a fazer pesquisas pra encontrar as minhas próprias partituras, uma parte delas eu encomendo de bibliotecas de fora do Brasil. Eu tenho partituras que vieram da Itália, da Inglaterra, em formato digital pra ler como a linha Braille eu tenho da China, da Coreia, então não é um acesso fácil, mas estou conseguindo.”

Sábado foi meu aniversário, eu fiz uma live tocando, eu pude dividir isso com muita gente, então a importância é fundamental”. Além disso, o simples fato da musicografia Braille existir a torna fundamental enquanto ferramenta de acesso à cultura. Sem ela, pessoas cegas e de baixa visão, como Fabiana Bonilha ou Filipe Oliveira, talvez não chegassem a conhecer determinadas obras e ter o prazer de tocá-las sem o auxílio de uma pessoa sem deficiência visual.

Um assunto que Jonathan e Filipe concordam é que é necessário haver mais divulgação, tanto sobre a musicografia Braille quanto sobre os softwares para edição de notação musical: “Entre músicos experientes, pouquíssimos sabem do que se trata, é um assunto que é novidade. Pra falar a verdade, além da Fabiana, eu não conheço ninguém que use no dia a dia, que faça performances a partir do que estudou, acho que precisa de muito trabalho pra contar o que é, pra ter mais facilidade de acesso a acervos, partituras, realmente tá bem no começo”, admite Filipe.



Capa da cartilha

Rede de Apoio

Projeto de extensão da UFPR produz cartilha sobre violência doméstica

O material, disponível em seis línguas, busca conscientizar mulheres migrantes e refugiadas sobre o assunto

O projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) da Universidade Federal do Paraná, criado em 2013, oferece aulas de português para migrantes portadores de visto de acolhida humanitária, em situação de refúgio, apátridas e/ou migrantes em vulnerabilidade social moradores de Curitiba e região metropolitana. O objetivo é acolher essas pessoas para que se sintam incluídas e bem situadas na cidade e na universidade, e ensinar o português brasileiro para garantir sua autonomia

enquanto residentes brasileiros. Mas o trabalho da equipe do PBMIH vai muito além de ensinar português. O projeto desenvolve diversos materiais de apoio para que esse grupo de pessoas reconheça seus direitos, levando em conta sua situação atual. É possível encontrar boa parte desse material no Instagram do projeto de extensão (@pbmih.ufpr). Entre essas publicações, está a cartilha Valente é a sua voz, publicada em maio de 2021.

A cartilha

O material, composto por 25 páginas, é um guia prático e fácil de entender sobre a violência doméstica, trazendo dados, informações, exemplos de casos comuns e, principalmente, o que a mulher migrante pode fazer segundo as leis brasileiras que a protegem. A cartilha foi traduzida para cinco línguas diferentes: árabe, crioulo-haitiano, espanhol, francês e inglês, e está disponível para download gratuito.

Tópicos abordados:

- O que é violência doméstica?
- Tipos de violência doméstica e familiar
- Ciclo da violência doméstica
- É possível estar em um relacionamento abusivo e não saber? (Exemplos)
- E agora? (Como buscar ajuda)

Maria Gabriel, coordenadora do PBMIH, explica que a intenção da cartilha foi trazer esse assunto com a maior leveza possível: “A gente buscou utilizar uma linguagem clara, simples e acolhedora, com o apoio das ilustrações, para informar, conscientizar, mas sem passar agressividade, sem vitimizar e sem dar um tom mais pesado. Apesar da temática ser complexa, delicada e difícil, a gente buscou tanto através das cores como das ilustrações quanto da linguagem, uma leveza pra levar essa informação”. A produção do material teve o apoio da Cáritas Paraná e do Observatório de Direitos Humanos da UFPR.

Traduzir aprendendo

Já pensou em aprender outra língua por conta própria?

O aplicativo duolingo traz uma didática inovadora: a tradução

Quando falamos em tradução, nos vem à mente a imagem de um profissional que trabalha com livros, autores renomados, interpretação, aspectos mais formais do ramo. Porém, é possível utilizar formas mais simples e livres de se traduzir para atividades do dia a dia, como aprender outra língua. O Duolingo está aí para provar isso.

O passarinho verde me ensinou...

Duolingo é uma plataforma online e gratuita de ensino de línguas que utiliza como principal método de ensino a tradução de frases curtas e palavras isoladas, além de exercícios de escuta e questões de múltipla escolha. O usuário pode optar por fazer um teste de nivelamento ou começar do zero - das palavras mais básicas como "olá" e "bom dia". Segundo levantamento do grupo Globo, o aplicativo e o site do Duolingo, combinados, possuem cerca de 30 milhões de usuários ativos, que escolhem quantos cursos quiserem dentro das 91 possibilidades ofertadas.

Sustentado por anúncios e pelos membros assinantes, o aplicativo motiva constantemente seus usuários a continuarem estudando, seja com lembretes por meio de notificações no celular, pela animação dos personagens desenhados na tela ou por simples frases como "continue assim!" ou "perfeito!".

Há questões de múltipla escolha com pegadinhas, áudios para ouvir e escrever o que entendeu da fala - há a opção de pular estes áudios, seja por conta de

Qual destas imagens é "o macaco"?

el toro el cerdo

el mono el conejo

VERIFICAR

Escolha a tradução correta:

Non são nossas chaves.

No son nuestras pantallas.

No son nuestras llaves.

Sí son nuestras claves.

VERIFICAR

Traduza esta frase:

No todas las depresiones son iguales.

as depresões iguais

são salão todas Nem

VERIFICAR

Traduza esta frase:

Eu queria que você fosse à universidade.

Yo quisiera que tú

fueras a la universidad

VERIFICAR

uma deficiência auditiva ou por não poder ouvir no momento em que se está praticando -, as questões de completar lacunas clicando nas palavras fornecidas e, dependendo da língua selecionada, há outros tipos de atividades, como selecionar as palavras que faltam na frase ou escrever em lacunas.

Ele conta ainda com um sistema de ofensiva, onde o usuário ganha pontos a cada atividade que completa e é escalado num ranking semanal, onde compete com outros "jogadores". Cada vez que o usuário se mantém no topo do ranking, ele avança para a próxima divisão, cada vez encontrando usuários mais experientes e dedicados em suas tarefas.

Educação e tecnologia

A metodologia do Duolingo é conhecida como Curso Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (MOOC), ou seja, é um curso aberto que se utiliza do ambiente virtual para que muitos alunos possam aprender algo, nesse caso, uma língua nova.

Glucia da Silva Brito, professora doutora titular no Departamento de comunicação Social e Pós-Graduação em Educação, e especialista no uso de tecnologias na educação, afirma que gosta da metodologia e da plataforma: "gosto que posso seguir meu próprio ritmo no aplicativo, uso ele para revisar o meu inglês."

Ela afirma, ainda, que as tecnologias sempre foram e serão grandes aliadas do ensino, e que, se bem utilizadas, trarão bons resultados. "O aprendizado de língua estrangeira sempre usou tecnologias. O formato do Duolingo é mais recente. Isso pressupõe mudanças comportamentais do usuário, este tendo que ter muito mais autonomia (Paulo Freire) e responsabilidade com o seu aprendizado", completa.

Aqueles que desejarem obter o aplicativo podem baixar pela loja de aplicativos do próprio celular, independente do sistema operacional ser Android ou iOS, ou se preferir pode acessar o Duolingo diretamente pelo site <https://pt.duolingo.com/> Basta criar uma conta e escolher uma língua para começar a aprender.



Ping-Pong

A aventura da tradução de ficção

trabalhar também com as traduções com ele.

Entenda um pouco do processo e das motivações de Reinaldo José Lopes na tradução de Tolkien

Por vezes a mais comentada e aclamada, a tradução de livros parece simples, mas dependendo da obra ou do autor, o processo pode ser mais complicado do que se imagina. Sem medo dos desafios que essa modalidade propõe, Reinaldo José Lopes aceitou a tarefa de traduzir as obras de J. R. R. Tolkien. O jornalista - especializado em ciência - e tradutor de 43 anos buscava, com essa experiência, trazer um novo ar às traduções deste autor para o português.

Me conte um pouco sobre a sua história, como começou a traduzir, quais autores já traduziu, se você se interessa por outros autores que ainda não traduziu...

A minha história é um pouco peculiar, porque, por enquanto, eu traduzi só dois autores, principalmente Tolkien na verdade, e eu sou fã dele faz muitos anos, um pouco mais de vinte anos, e eu sempre tive o sonho de traduzir Tolkien. Eu fui fazer mestrado e doutorado em estudos linguísticos e literários na USP na esperança de me qualificar pra traduzir Tolkien, estudando a obra dele. Por coincidência, a editora que publica os meus livros de divulgação científica é a que adquiriu os direitos do Tolkien no Brasil, então surgiu a oportunidade de

Quando eu soube que tinha a possibilidade, já me ofereci e conversei com o diretor responsável. Acabou se formando um conselho de tradução para as obras do Tolkien e eu passei a integrar o conselho. Já traduzi cinco livros do Tolkien, estou fazendo agora o sexto. Além do Tolkien, eu traduzi um livro que ainda não foi publicado, mas deve ser publicado em breve, da Jennifer Ackerman, que também é uma autora que trabalha com divulgação científica, sobre o comportamento de aves - deve sair em breve no Brasil.

Por que você escolheu o Tolkien, entre tantos autores que poderia traduzir?

A minha motivação é realmente, por um lado, a paixão pelo autor, e por outro lado, a impressão que eu sempre tive de que as traduções que existiam no Brasil, embora fossem competentes, elas não refletiam plenamente o que eu acho que poderia ser possível fazer pra mostrar a linguagem do autor em português. A minha ambição sempre foi criar algo em português que tivesse esse diálogo mais claro com as características do autor.

Como é a experiência de traduzir obras do Tolkien?

A experiência de traduzir Tolkien em geral é um tremendo prazer, é colocar no papel ideias que eu já

tinha fazia muitos e muitos anos, com alguns momentos de pânico porque às vezes é muito difícil.

Quais são os desafios de traduzir ficção/fantasia? Principalmente com tantos nomes e palavras fictícias que não têm tradução direta.

Eu não acho especialmente desafiador. No caso do Tolkien, pelo menos, a gente tem uma grande vantagem: ele deixou um grande guia de tradução da obra dele, um guia em que, principalmente no caso do Senhor dos Anéis e em menor grau no Hobbit, ele explica quase palavra por palavra as palavras que ele cunhou para a obra, os nomes de lugares e de personagens, então a gente tem essa noção.

E aí tem que levar em conta como ele faz isso, muitas vezes usando formas um pouco mais arcaicas ou vindas de dialeto, então você tem que pensar nos equivalentes disso em português. Não é nada que um conhecimento da língua e uma pesquisa sobre a obra do autor não resolva. Não é nenhum bicho de sete cabeças. Eu acho mais desafiador coisas como a poesia, ele é extremamente habilidoso como poeta, e ao mesmo tempo, é difícil de você criar algo que seja equivalente em português.

Tem algum livro que você considera que foi o mais difícil de traduzir?

O livro mais difícil por enquanto foi o “A Natureza da Terra Média” pelo fato de que são rascunhos, são anotações, meio que o Tolkien pensando no papel sobre a natureza da terra média, a natureza do universo dele, e algumas coisas eram basicamente folhas e folhas e folhas de contas e de comentários sobre essas contas, pra tentar entender como a população dos elfos foi crescendo ao longo do tempo. Isso é extremamente pesado, cansativo, você criar tabelas ali, vira um medo de você errar um número ou uma vírgula na conta.

Depois a gente viu que o próprio Tolkien errava nessas contas dele. E ao mesmo tempo esse ar de rascunho, de rascunho. Mesmo o editor do texto original em inglês não consegue entender muito bem o que

ele estava querendo dizer ali. Como é que você reproduz essa incerteza, como reproduz o fato de ser uma anotação rápida e ao mesmo tempo permite que o leitor entenda... Não é brincadeira isso aí não, não é fácil.

E o mais fácil?

Pra mim o mais fácil, por incrível que pareça, foi o “Silmarillion” por ser o livro que eu mais li e reli do Tolkien, por ser, apesar de tudo, um livro com um estilo um pouco mais arcaico, mas é um estilo que se mantém ao longo da narrativa inteira em prosa, são poucas as passagens com poesia, duas passagens poéticas apenas, então é uma coisa que você consegue engatar uma marcha só e seguir adiante com o livro, basicamente.

Qual foi a obra que você mais gostou de traduzir?

Eu diria que foi o “Silmarillion” mesmo, é o livro da minha vida eu acho, e é o livro com o qual eu estava menos satisfeito com as versões que já existiam em português, então a chance de poder tentar imprimir uma marca diferente, uma marca mais condizente com a estrutura estética do livro em inglês foi muito prazeroso.

O que alguém precisa fazer para se tornar um tradutor? É só começar ou precisa de um estudo?

Olha eu não acho que exista uma fórmula pronta pra você ser um tradutor, mas acho que no mínimo você precisa de um conhecimento bastante profundo da língua com a qual você está trabalhando, de partida obviamente é indispensável, e mais do que isso, você precisa ter um conhecimento bem forte da literatura daquela língua, estar habituado com os gêneros literários, com os autores, com a história daquela língua, também ajuda bastante, estar preparado para um mergulho mais profundo. De preferência você ter disposição pra se aprofundar no autor que você procura traduzir também, é bem importante.

BTS - Trivia 承: Love

Is this love
 Is this love
 Sometimes I know
 Sometimes I don't
 이 다음 가사 음
 뭐라고 쓸까 음
 너무 많은 말이 날 돌지만
 내 마음 같은 게 하나 없어
 그냥 느껴져
 해가 뜨고 나면 꼭 달이 뜨듯이
 손톱이 자라듯, 겨울이 오면
 나무들이 한 올 한 올 옷을 벗듯이
 넌 나의 기억을 추억으로 바꿀 사람
 사람을 사랑으로 만들 사람
 널 알기 전
 내 심장은 온통 직선뿐이던 거야

Isso é amor?(x2)
 Às vezes eu sei
 E às vezes não
 Nas próximas letras, hmm
 O que devo escrever? Hmm
 Um monte de palavras me rodeiam, mas
 Não há nenhuma que se equipare ao meu coração
 Eu só sinto
 Como a lua se levanta para seguir o sol
 Como unhas crescendo
 Como as árvores começam a se despir uma por uma
 Quando o inverno chega
 Você que tornou minhas lembranças em memórias
 Que tornará 'pessoa' em 'amor'*
 Antes de te conhecer
 Meu coração era somente uma linha reta

난 그냥 사람, 사람, 사람
 넌 나의 모든 모서릴 잠식
 나를 사랑, 사랑, 사랑
 으로 만들어 만들어
 우린 사람, 사람, 사람
 저 무수히 많은 직선들 속
 내 사랑, 사랑, 사랑
 그 위에 살짝 앓음 하트가 돼

Eu sou só uma pessoa, pessoa, pessoa
 Você corrói todos os meus cantos
 Você me transforma em
 Amor, amor, amor
 Somos pessoas, pessoas, pessoas
 Dentro dessas linhas retas sem fim
 Meu amor, amor, amor
 Caso se sente em cima, se torna um coração**

Chorus:
 I live so I love
 I live so I love
 (Live & love, live & love)
 (Live & love, live & love)
 I live so I love
 I live so I love
 (Live & love, live & love)
 (If it's love, I will love you)

Refrão:
 Eu vivo, logo amo
 Eu vivo, logo amo
 Viver e amar, viver e amar
 Viver e amar, viver e amar
 Eu vivo, logo amo
 Eu vivo, logo amo
 Se é amor, eu vou amar você

You make I to an O
 I to an O
 너 땀에 알았어
 왜 사람과 사랑이 비슷한 소리가 나는지
 You make live to a love
 Live to a love
 너 땀에 알았어
 왜 사람이 사랑을 하며 살아가야 하는지

Você torna o I em um O
 I em um O
 Eu percebi graças a você
 Por que 'pessoa' e 'amor'
 Soam tão similar
 Você ganha a vida por um amor
 Vida por um amor
 Eu percebi graças a você
 Por que pessoas precisam continuar vivendo

I와 U의 거린 멀지만
 F*** JKLMNOPQRST
 모든 글자 건너 내가 네게 닿았지
 봐 나와 네도 똑같은 소리가 나잖아
 그렇다고 내가 넌 아니지만
 너의 책장의 일부가 되고파
 너의 소설에 난 참견하고파
 연인으로

난 그냥 사람, 사람, 사람
 넌 나의 모든 모서릴 잠식
 나를 사랑, 사랑, 사랑
 으로 만들어 만들어
 우린 사람, 사람, 사람
 저 무수히 많은 직선들 속
 내 사랑, 사랑, 사랑
 그 위에 살짝 앓음 하트가 돼

(chorus)

만약 내가 간다면 어떨까
 내가 간다면 슬플까 넌
 만약 내가 아니면 난 뭘까
 결국 너도 날 떠날까

스치는 바람, 바람, 바람
 (만 아니길 바랄 뿐)
 흘러갈 사람, 사람, 사람
 (만 아니길 바랄 뿐)
 기분은 파랑, 파랑, 파랑
 (머릿속은 온통 blue)
 널 얼마나 마나 마나
 얼마나 마나 마나

*Em coreano, 'pessoa' (사람) e 'amor' (사랑) são similares. Se você 'corrói' os cantos de □ (no fim da palavra 'pessoa'), ele se torna ○ (na palavra 'amor'). Em coreano, 'cantos' (o que ele usa pra descrever a letra □) também por ser usada para descrever pessoas não muito sociáveis e difíceis de lidar. Logo, se você corrói esses 'cantos' (tanto pessoais quanto na palavra), você torna a pessoa em 'amor'.

**Quando ele diz 'se sentar', quer dizer que caso você se sente, no caso pressione a vogal ○ de cima para baixo, ela se torna um coração.

***Em inglês, I significa 'eu' e U, 'você', e RM usa a analogia da distância entre as duas letras no alfabeto para falar sobre a distância entre duas pessoas.

****'Blue' em inglês, pode significar um humor triste ou melancólico. Tradução: Gabriela @ BTSBR

Enquanto amam

Embora a distância entre I e U seja longa***
 F***-se JKLMNOPQRST
 Eu cruzei todas as letras e cheguei até você
 Olha, 'meu' e 'seu' também soam parecidos
 Embora isso não me torne em você,
 Eu gostaria de ser parte do seu livro
 Eu gostaria de me envolver no seu romance
 Como seu amante

Eu sou só uma pessoa, pessoa, pessoa
 Você corrói todos os meus cantos
 Você me transforma em
 Amor, amor, amor
 Somos pessoas, pessoas, pessoas
 Dentro dessas linhas retas sem fim
 Meu amor, amor, amor
 Caso se sente em cima, se torna um coração

(refrão)

Como seria se eu fosse embora?
 Se eu fosse, você ficaria triste?
 Se não fosse eu, o que eu seria?
 Seria que você, também, eventualmente me deixaria?

Vento, vento, vento que levemente passa
 (Eu só posso esperar que não seja o caso)
 Pessoa, pessoa, pessoa que levemente passará
 (Eu só posso esperar que não seja o caso)
 Meu humor é azul, azul, azul****
 (Dentro da minha cabeça, tudo está colorido de azul)
 O quanto eu te amo, o quanto, quanto
 O quanto, quanto, quanto

Covid-19 na UFPR

Estudantes da UFPR promovem a tradução de artigos científicos sobre Covid-19

O edital foi aberto para autores de todo o Brasil

Durante a pandemia de Covid-19, no mundo inteiro vimos um boom de artigos científicos relacionados ao vírus, sua disseminação, estudos sobre vacinas, remédios, e uma infinidade de outros temas. Os artigos escritos em inglês em geral são muito mais lidos do que os em português, pelo fato de o inglês ser considerado uma língua universal.

Pensando nisso, estudantes integrantes do Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica da Universidade Federal do Paraná, o CAPA UFPR, passaram a traduzir artigos do Brasil inteiro para o inglês, na busca por maior visibilidade para os trabalhos.

O CAPA UFPR normalmente abre editais exclusivos para alunos da UFPR, porém, devido à urgência que o momento trouxe e à vontade da equipe de ajudar de alguma forma nesse cenário, decidiram então abrir um edital nacional. “A única condição era que o tema do trabalho submetido tinha que estar relacionado a pandemia de alguma forma. Recebemos artigos de inúmeros estados brasileiros. Além disso, antes de lançar o edital, pedimos o auxílio de especialistas da área médica e saúde, para ajudar a analisar os textos e trabalhar junto aos autores para melhorar em seus manuscritos”, conta o professor doutor Ron Martinez, integrante do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) e também diretor fundador do CAPA UFPR.

Os autores que submetem artigos para tradução e assessoria ainda têm uma base para saber se adiantou de algo traduzir seus artigos: “Temos mecanismos para poder rastrear os artigos que passam pelo capa e acabam publicados em revistas de alto impacto e de circulação internacional, na maioria dos casos em

língua inglesa.”, explica Ron.

Conheça o CAPA UFPR

Ron Martinez apresenta qual é a proposta principal da equipe: “O CAPA É considerado o primeiro “writing center” (centro de escrita acadêmica), focado nas demandas específicas dos alunos e professores de pós-graduação no Brasil. Existe uma demanda crescente para os alunos e professores publicarem suas pesquisas em revistas de circulação internacional, que por sua vez tendem a ser cada vez mais publicadas exclusivamente, ou quase exclusivamente, em língua inglesa.”

Ao mesmo tempo que a demanda por artigos aumenta, as universidades estão atrasadas, e não oferecem formação específica para os textos que os alunos da pós-graduação precisam produzir, por exemplo, dissertação, tese e, especialmente, artigo científico. “Muitos alunos, inclusive, carregam uma sensação de culpa porque sentem que não sabem fazer o que nunca foram ensinados a fazer. Isso, ainda em língua portuguesa, imagina então ter que construir textos em um idioma que não é seu.”, completa Ron.

É aí que entra o CAPA UFPR, fornecendo assessoria aos autores para que aprimorem sua escrita em português e, ainda, consigam uma tradução digna de revistas científicas para seus artigos. “Além dos nossos serviços de assessoria em escrita acadêmica, de revisão e tradução, oferecemos grupos de escrita que são pequenos grupos de alunos ou docentes que querem realizar um acompanhamento mais duradouro sobre trabalhos em andamento, como, dissertação, tese, monografia, etc. Também oferecemos assessoria em apresentação ou comunicação científica para eventos internacionais, e outros eventos especiais.”, diz.

Para ter acesso aos editais disponíveis, acesse o site <http://www.capa.ufpr.br/portal/>

Músicas interpretadas em Libras promovem a inclusão dos surdos no mundo cultural

Tanto pessoas surdas quanto intérpretes estão aderindo à essa prática

Quando pensamos em pessoas surdas, a última coisa que relacionamos a elas é a música, já que, pelo senso comum, uma pessoa que não escuta provavelmente não se envolve com a música, certo?

Errado! Existem várias formas de um surdo se relacionar com a música: primeiro, pela vibração, o que permite, inclusive, que a pessoa dance conforme o ritmo. Tem também a musicoterapia, que utiliza a vibração e intensidade do som para auxiliar os surdos a compreenderem melhor a sonoridade, além de surdos que tocam instrumentos musicais - Beethoven é um exemplo clássico disto. Atualmente, temos uma nova possibilidade de relação com a música, em que intérpretes e até as próprias pessoas surdas traduzem a letra para Libras e se movem conforme o ritmo.

Kelwen Fialho, de 29 anos, é Tradutor Intérprete de Libras e é irmão de uma pessoa surda, então aprendeu a língua desde cedo, mas começou a interpretar aos 14 anos em uma igreja no interior de São Paulo. Ele conta que interpretar músicas é um processo muito bonito, porém desafiador: “interpretar

Libras na Música

músicas se torna algo poético e temos que pensar muito bem em como passar as informações que tenham duplo sentido, ou informações ocultas, senão se torna algo sem sentido para o surdo, e eu adoro esse desafio, principalmente quando sei a coreografia da música e acrescento a Libras no meio, como já aconteceu com a música Bang da Anitta em um evento”.

Há ainda uma grande diferença entre traduzir uma fala normal e uma música, que é sentida tanto por intérpretes quanto pelas pessoas surdas. “Na fala normal, você tem a preocupação de adaptar a ideia de uma língua para outra, na música você precisa analisar bem a letra para não ficar sem sentido, pois muitas vezes a música quer passar uma outra ideia”, explica Kelwen. Nisto Katia Balikian concorda: “não são todas as músicas que conseguem traduzir exatamente a mensagem original”

Katia é surda de nascença, mas isso não a impede de ser professora de Libras. Com 29 anos, ela consome músicas interpretadas em Libras, e conta que é uma experiência ótima, em que a língua de sinais é realmente valorizada, mas que as traduções tem muito

que melhorar: “as músicas precisam ser traduzidas e não somente interpretadas, isso exige conhecimento da cultura surda, linguística na língua de sinais e, pra ajudar nisso, era necessário ter um surdo ajudando na tradução”.

Ambos concordam que a interpretação de músicas é algo que contribui imensamente para a inclusão dos surdos na cultura. “Mesmo que a música se torne algo poético quando passado pra língua de sinais, temos que garantir esse direito do surdo entender o que está acontecendo”, explica Kelwen, e Katia completa: “É de extrema necessidade pois tem surdos que gostam de músicas e sentem a vibração da música. Muitos querem conhecer também a letra da música, e ter a tradução nos possibilita estar inclusos na sociedade e ter a oportunidade de prestigiar as músicas”.



Kelwen está sempre se atualizando conforme as demandas surgem

